

BC - PERIÓDICOS - PUCC
Class: 900/3
Recabido: 18.3.80

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Departamento de História da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas

ANO XI — Nº 96

JULHO/SETEMBRO — 1979

COMENTÁRIOS

BIBLIOGRAFIA FLORENCIANA

Odilon Nogueira de Matos

Após a conferência que tive o privilégio de proferir na Academia Campinense de Letras ao ensejo do centenário da morte de Hércules Florence, no dia 27 de março do corrente ano, fui procurado por diversas pessoas (inclusive por cartas), desejosas de maiores informações acerca da bibliografia florenciana e, mais especialmente, dos livros que incidentalmente citei na ocasião. Eis por que, embora já tenha ventilado o assunto em diversas oportunidades, julgo conveniente oferecer indicações bibliográficas mais precisas para que os interessados possam encontrar os textos desejados.

Ao regressar, em 1 829, da malograda Expedição Langsdorff, e antes de vir para a Província de São Paulo, onde deixara um coração saudosos e ansioso (a filha de Álvares Machado, que conhecera em Porto Feliz, na viagem de ida), Hércules Florence demorou-se algum tempo no Rio de Janeiro, e ali confiou aos cuidados de seu compatriota Félix Emílio Taunay os apontamentos acerca da longa jornada que empreendera pelos sertões do Brasil. Félix Emílio era um dos integrantes da Missão Artística contratada por D. João VI na

Europa para fundar no Rio de Janeiro uma Escola de Belas Artes, e após o regresso de seu pai para a França, permaneceu no Brasil à testa da instituição de que fora um dos fundadores. Foi o pai do Visconde de Taunay, que, entretanto, só nasceria em 1843, quase quinze anos depois da passagem de Hércules Florence pelo Rio de Janeiro. Os apontamentos de Florence, ao que parece, ficaram perdidos por mais de quarenta anos, como que à espera de alguém que por eles realmente se interessasse. Assim, quis o destino que se associassem dois grandes nomes, pois coube a Alfredo d'Escagnolle Taunay (o futuro Visconde de Taunay) promover a primeira publicação, não só do relato da viagem, como da memória sobre o registro da voz dos animais, a **Zoofonia**, como a chamou Hércules Florence.

Feito este ligeiro intróito, registram-se, a seguir, os textos florencianos existentes:

1 – **Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829, escrito em original francês pelo segundo desenhista de comissão científica Hércules Florence, traduzida por Alfredo d'Escagnolle Taunay.** Publicado nos tomos 36 e 37, correspondentes aos anos de 1875 e 1876, da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Provavelmente o próprio texto deve ter sido ordenado literariamente por Taunay, pois este, no extenso prefácio que escreveu para a publicação, refere-se aos originais um tanto desordenados e em forma de rascunho, como que à espera de uma redação definitiva. A tradução de Taunay (“incomparável tradução”, como a classificou um dos descendentes de Hércules Florence), embora de um texto hoje sabidamente incompleto, constituiu uma referência na bibliografia florenciana e, com base nela, deversas outras edições foram feitas.

O fato de ter sido publicado numa revista especializada e de circulação restrita, não propiciou ao relato de viagem de Hércules Florence cair no conhecimento do público, pois sequer uma separata que pudesse aparecer nas livrarias foi feita, limitando-se sua circulação aos sócios do tradicional sodalício fluminense e às bibliotecas às quais a revista do Instituto era enviada. E infelizmente, durante quase setenta anos, não ocorreu a nenhum editor tirar em livro o precioso relato. Foi preciso esperar até 1941 para que tal acontecesse. É justo, entretanto, que se consigne que o grande historiador Afonso de Taunay, quando diretor do Museu Paulista, publicou na revista da Instituição que dirigia (tomo XVI, correspondente a 1928) a primeira parte do texto florenciano, sob o título **De Porto Feliz a Cuiabá**. Não sei porque Taunay não publicou o texto integral, limitando-se à primeira parte, uma vez que ele próprio, no prefácio, externou conceitos valiosos acerca do interesse do relato, reconhecendo, ainda achar-se (já naquela época) fora do alcance do público pelo fato de estar, na sua edição original, incluída na Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Embora dessa primeira parte fosse tirada uma separata, que me lembro de ter

visto à venda em algumas livrarias, pouco, muito pouco contribuiu para a divulgação do relato da famosa Expedição Langsdorff.

Isto posto, pode-se dizer que só em 1941 a obra do nosso franco campineiro veio a ser conhecida do público, com a excelente edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo, que reproduz integralmente a de 1875/76, trazendo ainda prefácios de Afonso de Taunay e de Ataliba Florence e mais de uma centena de ilustrações do próprio autor. Bela edição, para os padrões gráficos da época, bem à altura tanto do autor como do tradutor, recebeu como título **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas** (dado pelo próprio Hércules Florence quando, muitos anos mais tarde, reescreveu o texto) e mereceu reedições em 1948 e em 1950 e, mais recentemente (1977), dela se fez nova edição, não mais pela Melhoramentos, mas pela Cultrix, em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo. Esta edição substituiu os prefácios de Afonso de Taunay e de Ataliba Florence por um de autoria do Professor Mário Guimarães Ferri, botânico eminente, antigo reitor da Universidade de São Paulo e, atualmente, diretor da editora da grande universidade paulistana. Conservou contudo, a introdução que o Visconde de Taunay escrevera para a edição do Instituto Histórico e que vinha figurando em todas as edições, inclusive na parcial, do Museu Paulista. Conservou igualmente, todas as ilustrações das edições Melhoramentos e apresentou padrão gráfico em nada inferior às edições anteriores. Certamente será esta a edição que o leitor interessado poderá encontrar nas livrarias.

Vinte anos depois de ter-se fixado em Campinas, entendeu Hércules Florence de reescrever o relato da Expedição Langsdorff. Os originais deste novo relato permaneceram inéditos até 1977, quando foram traduzidos por um seu descendente, Francisco Álvares Machado e Vasconcelos Florence, e publicados com anotações de Cláudia Vasconcelos Marino, Luís Lisanti, Lycurgo de Castro Santos Filho, Newton Carneiro e Tekla Hartmann, pelo Museu de Arte "Assis Chateaubriand", de São Paulo. Com apresentação do diretor do Museu, Pietro Maria Bardi, foi o volume dedicado a D. Clemente Maria da Silva Nigra, "o primeiro a estudar o material enviado pela Expedição Langsdorff à Academia de Ciências de Petersburgo". Uma nota introdutória do tradutor informa-nos do caráter do livro, bem como de numerosas pesquisas feitas no Brasil e no exterior em torno da famosa e ao mesmo tempo malograda expedição, da qual Hércules Florence foi dos poucos sobreviventes e, por sorte, o encarregado de redigir o diário da jornada. Tal como as edições anteriores (Melhoramentos e Cultrix), vem esta nova versão do texto florenciano enriquecido de numerosas estampas e, ainda, fotografias atuais de pontos outrora desenhados pelo pintor, trabalho este realizado por Boris Kossoy, incansável lutador em prol

dos direitos de Hércules Florence à invenção da fotografia e autor de excelente livro sobre o assunto, editado também em 1977 pela Faculdade de Comunicação Social Anhembi, de São Paulo.

O “novo” texto florenciano, cujos originais encontram-se, juntamente com numerosos outros escritos de sua autoria, em poder de um dos seus descendentes, o preclaro amigo Arnaldo Machado Florence, é, praticamente, um texto realmente novo, se compararmos com o divulgado pelo Visconde de Tau-nay. Daí ter dito, na conferência que proferi na Academia Campinense de Letras, que Hércules Florence pode figurar duas vezes em nossa literatura de viagens, o que, bibliograficamente falando, tem muito interesse. Não se trata simplesmente de ser o novo texto mais completo que o divulgado anteriormente, pois se muita coisa foi acrescentada, outras foram retiradas e a própria ordenação da matéria seguiu critério diferente. Diria que os textos se completam, o que se reveste de alta significação para os interessados na literatura dos viajantes estrangeiros que escreveram sobre o nosso país. Lamenta-se, apenas, que, embora profusamente ilustrada, seja esta edição tão mal cuidada, sob o aspecto gráfico, prejudicando sensivelmente a obra. A tal ponto chegou o descuido de quem imprimiu o volume, que suas páginas (quase duzentas) nem foram numeradas. . .

Infelizmente não posso dar aos leitores interessados informações sobre o processo de aquisição do novo relato florenciano. Publicado, como disse, pelo Museu de Arte de São Paulo (na Avenida Paulista), não sei se chegou a ser posto à venda, pois jamais o vi em qualquer livraria. Recebi-o por nímia gentileza do preclaro amigo Arnaldo Machado Florence, que em mim viu um “grande entusiasta dos feitos e pesquisas científicas” de seu ilustre antepassado, como gentilmente escreveu na dedicatória com que me ofereceu o volume. Mas, acredito que escrevendo ao Museu, os interessados poderão obter informações necessárias quanto à obtenção do livro, pelo menos enquanto dele não se fizer uma edição comercial.

Do que tem sido escrito em outros países sobre a Expedição Langsdorff, encontra-se traduzido e publicado na coleção “Brasiliana”, da Companhia Editora Nacional, o livro de G. G. Manizer, que, jactando-se de ser o “único relato completo” da expedição, não passa de mera apropriação, nem sempre muito honesta, do diário de Hércules Florence, acrescido, ainda, de tendenciosa introdução denunciadora da ideologia predominante na União Soviética. Convém ler os comentários tecidos sobre este livro pelo Professor Vinício Stein Campos, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. 73, de 1977.